

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO  
PAULO**

**ESCOLA PÓS-GRADUADA DE CIÊNCIAS SOCIAIS  
LATO-SENSU EM SEMIÓTICA PSICANALÍTICA**

**MARIANA LARCHER MARCHI**

**A palavra como sentença.  
A manipulação do discurso do Outro na busca  
da satisfação do desejo.**

**SÃO PAULO  
2012**

**MARIANA LARCHER MARCHI**

**A palavra como sentença.  
A manipulação do discurso do Outro na busca  
da satisfação do desejo.**

**Monografia apresentada ao Cogeae  
(Coordenadoria Geral de Especialização,  
Aperfeiçoamento e Extensão da Pontifícia  
Universidade Católica de São Paulo) para  
obtenção do título de Especialista em  
Semiótica Psicanalítica.**

**Orientador: Prof. Dr. Clóvis Pereira**

**São Paulo**

**2012**

## **AGRADECIMENTO**

Ao Cogea e seus professores por mudarem a maneira como eu via tantas coisas e abrirem meus horizontes para a Psicanálise e suas manifestações na cultura.

Ao Prof. Dr. Clóvis Pereira por suas aulas inspiradoras e reveladoras, por sua orientação paciente e seu incentivo à concretização das inquietudes do pensamento.

Aos meus colegas por tantos questionamentos que nunca antes eu tinha levantados, pelos momentos de debate e troca de experiências.

De maneira especial a Silvia Bondesan Antunes por tantas conversas de volta de aula e por compartilhar os momentos angustiantes da produção da escrita. E principalmente a Bruno Chenque por me dar força a seguir com o tema escolhido, me mostrando que ele era instigante e que tinha algum sentido em si, e por tantos debates e dicas que certamente levaram este trabalho além dos limites pensados a princípio.

Aos meus pais, irmão e familiares pelo incessante incentivo na presença, pelo interesse pelas discussões que estavam borbulhando e compreensão pelas ausências.

## EPÍGRAFE

“Quando era pequena tivera vontade intensa de criar um bicho. Mas a tia achava que ter um bicho era mais uma boca para comer. Então a menina inventou que só lhe cabia criar pulgas, pois não merecia o amor de um cão.

Do contacto com a tia ficara-lhe a cabeça baixa. Mas a beatice não lhe pegara: morta a tia, ela nunca mais fora a uma igreja porque não sentia nada e as divindades lhe eram estranhas”<sup>1</sup>.

**Clarice Lispector**

---

<sup>1</sup> LISPECTOR, Clarice. A hora da estrela. – Rio de Janeiro: Rocco, 1998. P. 29.

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	6
2. INCONSCIENTE E LINGUAGEM.....	10
3. SIMBÓLICO E GRANDE OUTRO.....	14
4. ESFERA SOCIAL E DESEJO.....	17
5. IDENTIFICAÇÃO.....	20
6. CINEMA E PSICANÁLISE.....	22
7. ANÁLISE DA OBRA.....	24
8. NEGAÇÃO E IDEALIZAÇÃO DA HERANÇA SIMBÓLICA EM ESPÓSITO.....	28
9. PODER E PERVERSÃO EM ISIDORO.....	32
10. IDENTIFICAÇÃO E MANIPULAÇÃO DO DISCURSO DO OUTRO EM MORALES.....	37
11. SIMBOLIZAÇÃO COMO SIGNIFICAÇÃO DA VIDA.....	42
12. CONCLUSÕES.....	44
BIBLIOGRAFIA.....	46
ANEXOS.....	49

## 1. INTRODUÇÃO

Nossa época muitas vezes reivindica para si o título de pós-ideológica, nos apontam alguns críticos como Slavoj Žižek e Niels Bohr (2010), uma vez que “Deus já está morto” e os sujeitos estão livres para “ser o que quiserem ser”. Ainda outros, como Cláudio Cesar Montoto (2010), nos faz pensar sobre como a valorização da nossa sociedade – da era da informação - recai sobre a vivência sobrepondo-se à experiência e os homens são chamados a “fazerem-se por si mesmos”, a ser originais e esquecer o passado, tendo como principal porta-voz a publicidade. Um claro exemplo disso nos é dado pela marca Nike e seu slogan “Just do it”. Parece tentador o convite, mas também bastante angustiante o desafio e o peso da responsabilidade que ele acarreta.

Esta reivindicação parece vir acompanhando a pós-modernidade, quando o que fazia sentido parece não fazer mais, as ideologias até então vigentes não se sustentam mais. Desta maneira, segundo Calligaris (1993), usando o pensamento freudiano, o princípio da autoridade não está mais externo ao sujeito, mas é internalizado por cada um.

Assim, parece um tanto fantasiosa esta sensação tentadora, já que apesar de os sujeitos serem incentivados a ser originais e únicos, o que há como pano de fundo é uma pressão constante da cultura hipercapitalista rumo a um gozo sem fim, como nos mostra Renata Saleci (2005).

Diante disso, a pergunta que emerge é, será mesmo que estamos livres da crença em algo sendo “livres” e originais, ou somente mudamos a maneira como lidamos com aquilo que tomamos como verdade? Será que não nos apoiamos na própria “cultura” no momento de seguir alguma verdade já declarada?

Não parece muito difícil encontrar no nosso cotidiano exemplos que nos façam pensar sobre esta temática. Ele aparece, por exemplo, em artigos com o mesmo tema em duas revistas diferentes, como *Veja* e *Carta Capital*. Essa experiência poderia levar o mesmo leitor a se convencer de que cada um dos textos é, no momento de lê-lo, a verdade absoluta, se apoiando em fortes argumentos, mesmo que com pontos de vistas opostos. Outro momento que poderíamos nos deparar com este pensamento é na revista *Super*

Interessante (Editora Abril) em sua coluna chamada “Respostas”, que instiga o leitor a tomar partido sobre um de dois pontos de vista sobre um mesmo assunto, mostrando argumentos plausíveis que garantem o status de verdade a qualquer um dos lados escolhidos (exemplo em anexo). Assim, há mesmo uma verdade absoluta ou então nos apoiamos em discursos vigentes que sejam mais confortáveis para nós?

Outro exemplo poderia ser vivenciado com uma rápida navegação pelas páginas de redes sociais, como o Facebook. Não é difícil encontrar ondas massivas que tomam alguns assuntos como grandes causas (a construção da hidrelétrica de Belo Monte; o vídeo de uma mulher chutando seu cachorro yorkshire até a morte; a foto do carro da CET estacionado em local proibido; entre outros). Em muitas dessas vezes a causa não é pessoal e envolve uma questão politicamente correta, mas são assumidas como formadoras da “identidade” pessoal, despertando seu engajamento, a ser mostrada aos demais participantes da mesma rede social. Essas ondas são normalmente de curta duração e são sucedidas em algum tempo por outras. Mais uma vez esses temas não-pessoais são usados como se fossem, mas estão apoiados em discursos culturais.

Em relação a isso, pelo viés da Psicanálise, podemos pensar a princípio, que não estamos livres de uma crença e sim nos baseamos na cultura para buscar discursos pré-estabelecidos que funcionem como verdades para nós. Somos seres faltantes em nossa constituição e fazemos da linguagem a nossa realidade. Linguagem essa que a todo o momento nos aponta essa falta, nos deixando longe da essência das coisas e nos possibilitando a capacidade de simbolizar. É essa mesma linguagem que estrutura o nosso inconsciente e que rodeia o nosso desejo, nunca chegando a ele, mas nos apontando o caminho em direção a ele.

Pela Psicanálise, inclusive, não se poderia pensar na denominação indivíduos e individualidade para nós, seres humanos. Não somos fechados, unos e completos, mas sempre abertos e dependentes da alteridade, da cultura. Não somos unos e autossuficientes, mas estamos “sujeitos” à cultura e às identificações que com ela construímos. Como bem coloca Bruce Fink

(1998): “O sujeito é dividido pela cultura. Abre mão da individualidade para viver na coletividade”<sup>2</sup>..

Uma figura que emerge junto a tudo isso é a do grande Outro. Seu papel está sempre vigorando, ditando leis, nos apontando os caminhos a seguir, mas na pós-modernidade, não mais necessariamente andam por aí vestidos de pais, Igreja, Estado, porque esses não fazem mais sentido. Muitas vezes, pode parecer que escapamos a este Outro, já que ele é motivo de negação, mas ainda assim é ele que está balizando nossos pensamentos e atitudes, já que necessitamos de uma herança simbólica. Esse é mais um fruto da vida em sociedade que exige dos sujeitos o paradoxo de convivermos tranquilamente com regras que não são nossas e que, muitas vezes, não condizem com o nosso desejo.

Sendo assim, com este trabalho buscamos compreender, a partir de um estudo semiótico de extração psicanalítica, como o sujeito manipula simbolicamente o discurso do grande Outro na busca da saciedade de seu desejo, dando conta de tantos paradoxos. Queremos compreender melhor até que ponto o tomamos como crença/ verdade completa ou então como crença / verdade recortada, naquilo que nos dirige ao nosso desejo. A “palavra” neste contexto é a questão chave a ser perseguida.

Acreditamos que este tema tem em sua discussão e questionamento validade para as ciências humanas. Sendo um tema recorrente nas nossas relações sociais, nos ajuda a elucidar nossa estrutura subjetiva, ou seja, a nossa própria constituição como sujeitos.

Para chegar a tal objetivo, propomos então, um momento de reflexão através de uma revisão bibliográfica dos autores e conceitos que permeiam o tema (inconsciente como linguagem; a supremacia do desejo; a primazia do simbólico; linguagem e desejo; grande Outro; tríade lacaniana; identificação) e também buscar esse fenômeno ilustrado na cultura, por meio da análise semiótica e interpretação de uma obra ficcional. O objeto escolhido para a análise de caso é o filme *El secreto de sus ojos* de Juan José Campanella (Argentina / Espanha, 2009), mais especificamente, a comparação

---

<sup>2</sup> FINK, Bruce. “O sujeito lacaniano”. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. P.58.

estabelecida entre três personagens centrais da obra e o discurso do grande Outro, que parecem enriquecer a nossa busca.

## 2. INCONSCIENTE E LINGUAGEM

Para chegarmos até nosso tema, sugerimos começar pelo início da formação do pensamento que iremos usar como norte para o nosso estudo.

Do que não se tem dúvida é da grande descoberta do Dr. Sigmund Freud. Um conceito daqueles capazes de criar um antes e depois tão drasticamente marcados que evocou a possibilidade de um novo saber, um novo pensar, um novo olhar sobre a humanidade. O inconsciente e a Psicanálise colocam em cheque a exatidão de algumas ciências cartesianas inquestionáveis até então.

Com o inconsciente trazido à frente da cena, Freud tira o sujeito do centro dele mesmo, a razão não é mais a única guia de nossas vidas. Há, segundo Freud, duas vias que nos direcionam e uma delas é o inconsciente: o lugar do recalçado, onde vivem as memórias que queremos esquecer, colocar de lado, que consideramos constrangedoras ou assustadoras.

Pacheco Filho (1997) nos ajuda a compreender melhor a nova concepção de sujeito trazida pela Psicanálise: "(...) aponta inequivocamente na direção de um ser dividido em um eu auto-representado como consciente, racional e pretensamente dono das suas próprias decisões e um inconsciente passional, desconhecido e irracional, permanentemente ameaçando de dissolução a precária coerência e unidade do eu<sup>3</sup>".

Voltando ao inconsciente, como comenta Geraldino Alves Ferreira Netto (2010), ele não é um espaço de lembranças desaparecidas, mas uma das vias que nos move, não deixa que isso que recalçamos se vá. "O inconsciente sabe que por mais perigosas que sejam as idéias excluídas, elas precisam ser elaboradas para não continuarem ameaçando o sujeito. Por isso, o inconsciente cuida de aproveitar qualquer chance possível, para trazer de volta o recalçado à sua pátria, à consciência, mesmo contrariando a vontade do sujeito"<sup>4</sup>. Assim, o inconsciente tira o sujeito do centro de si mesmo, ele é atemporal e funciona por uma lógica diferente da racionalidade, hegemônica até então. É uma quebra de paradigmas difícil de ser aceita e

---

<sup>3</sup> PACHECO FILHO, R. A. O conhecimento da sociedade e da cultura: a contribuição da psicanálise, Revista Psicologia e Sociedade; 9 (1/2), jan/dez. 1997. P.127

<sup>4</sup> NETTO, Geraldino Alves Ferreira. Doze Lições sobre Freud e Lacan. Campinas: Pontes Editores, 2010.P.33.

explicada pelo pensamento e pensadores cartesianos, hegemônicos até este momento.

E esse novo paradigma não é silencioso e inacessível, ele é ativo e interfere em nossas vidas, retornando com aquilo que está no nível do desejo. E como se pode perceber a interferência do inconsciente? Freud nos ensina que tudo aquilo que nos escapa e é estranho à consciência, ou seja, tudo aquilo que nos aparece distorcido, censurado e/ ou modificado, configura a voz do inconsciente. O nosso verdadeiro desejo nos aparece nesses momentos e por isso Lacan nos diz que são atos bem sucedidos, ao contrário de “falhos” como são normalmente chamados. Além de nos próprios atos falhos, isso acontece, por exemplo, nos sonhos; nos chistes; nos sintomas e nos esquecimentos.

Complementando e lapidando o pensamento de Freud, Jacques Lacan nos mostra que o inconsciente funciona como uma linguagem, estruturando-se em figuras de linguagem, como metáforas e metonímias (antes chamados de condensação e deslocamento por Freud). Aqui, há um grande salto qualitativo, como enfatiza Geraldino Alves Ferreira Netto (2010), da maneira de pensar migrando da fenomenologia à estrutura. Com uma leitura linguística, Lacan nos mostra que o inconsciente “(...) obedece à sua própria gramática e lógica: o inconsciente fala e pensa. (...) uma verdade traumática fala abertamente. (...) uma verdade insuportável com a qual devo aprender a viver”<sup>5</sup>.

Neste ponto, há uma grande contribuição da Linguística de Ferdinand de Saussure e da corrente estruturalista. Conceitos fundamentais da Psicanálise foram primeiro tocados pela linguística: “signo”, “metáfora”, “metonímia” e “sujeito”.

Apesar de beber desta fonte, Lacan adapta alguns dos conceitos para a realidade do inconsciente. Por exemplo, no caso do signo, Saussure privilegiava o significado ao significante e os fazia um “conjunto autossuficiente de significação”<sup>6</sup>. Já Lacan, mostrou a primazia do significante

---

<sup>5</sup> ZIZEK, Slavoj. Como ler Lacan. Tradução Maria Luiza X. de A. Borges; Revisão técnica Marco Antonio Coutinho Jorge. Rio de Janeiro: Zahar, 2010. P. 09.

<sup>6</sup> NETTO, Geraldino Alves Ferreira. Doze Lições sobre Freud e Lacan. Campinas: Pontes Editores, 2010. P.70.

sobre o significado, sem juntos formarem um conjunto autônomo. O significante seria algo universal, compartilhado, já o significado, ou seja, como aquele significante ganha sentido, seria particular a cada sujeito. Trazendo isso à psicanálise, significa dizer que o inconsciente está organizado como uma linguagem e que o sujeito desse inconsciente – e não só gramatical - vai organizando seu discurso pela escolha de significantes, e essa escolha diz muito sobre nós, sobre nosso desejo. Assim, há um determinismo psíquico – do inconsciente – que atua em nós.

Com isso, fica claro entender porque o método clínico da Psicanálise baseia-se na “cura pela palavra” por meio da associação livre. Só podemos trazer a tona com palavras, ou cadeia significante, o que está estruturado como linguagem. O nosso desejo não é conhecido por nós, não há palavras que dêem conta de nomeá-lo, no entanto, é possível encontrar palavras que o rodeiem, que desvendem a sua direção.

Sendo assim, o fato social central seria a linguagem, que como nos elucida Vladimir Safatle, “a condição de possibilidade para estruturação de toda e qualquer experiência social”<sup>7</sup>, um sistema que estrutura o campo de toda a experiência possível, compartilhado com os demais sujeitos, que pré-existe a todos eles. É isso que Lacan chama do registro do Simbólico (cadeia de significantes, de leis). No entanto, mesmo sendo um sistema de leis socialmente compartilhadas que nos une aos outros sujeitos, cria também formas particulares de simbolização do desejo (conceito de fantasma).

Safatle (2009) também vai mais além afirmando que “a verdade do desejo do sujeito é ser desejo da lei. Significantes lacanianos privilegiados da Lei social: palavra encarnada, função paterna (função ordenadora do núcleo familiar) e falo (função ordenadora dos modos de constituição da sexualidade)”<sup>8</sup>.

O que queremos mostrar é que somos seres intermediados e é a linguagem que intermedia nossa relação com o mundo, com outros sujeitos e com nós mesmos. Ela nos constitui e é através dela que produzimos sentido. Somos, assim, constituídos de linguagem, de discurso e por isso, o tema é tão relevante para nós.

---

<sup>7</sup> SAFATLE, Vladimir. Lacan. 2ª edição. São Paulo: Publifolha 2009. – (Folha Explica). P.43.

<sup>8</sup> SAFATLE, Vladimir. Lacan. 2ª edição. São Paulo: Publifolha 2009. – (Folha Explica). P.48.

Diante disso, então, estamos buscando apoio na Psicanálise, que tem a fala, a linguagem como seu guia, e também na semiótica, que é a ciência de todas as linguagens, ou seja, vai ao centro daquilo que nos constitui como sujeitos, que constitui o saber e a cultura, buscando a relação entre a linguagem e as coisas. E como nos ajuda a compreender Lúcia Santaella (2004) a semiótica, por conter “um grande inventário de tipos de signos e misturas sígnicas, nas inumeráveis graduações entre o verbal e o não-verbal até o limite do quase signo”, parece nos servir bem ao nosso objetivo, uma vez que dela “podemos extrair estratégias metodológicas para a leitura e a análise de processos empíricos de signos: música, imagens, arquitetura, rádio, publicidade, literatura, sonhos, filmes, vídeos, hipermídia, etc.”<sup>9</sup>.

---

<sup>9</sup> SANTAELLA, Lucia. *Semiótica Aplicada*. São Paulo: Pioneira Thompson Learning, 2004. P. XIV.

### 3. SIMBÓLICO E GRANDE OUTRO

Neste ponto, surge a necessidade da compreensão de um outro conceito lacaniano, o da tríade de registros formadora do sujeito: real, simbólico e imaginário (R.S.I.). Esses níveis envolvem todas as experiências humanas e estão dentro da idéia de estrutura, ou seja, os elementos dependem um dos outros igualmente, como um conjunto, a estrutura só existe com essa interdependência.

Em síntese, para compreender superficialmente o que é cada um desses níveis, como nos ajuda Geraldino Ferreira Netto, “o Imaginário é o lugar das ilusões do eu, da alienação e da fusão com o corpo da mãe; o Simbólico é o lugar do significante, da lei, da cultura; o Real é um resto impossível de simbolizar”<sup>10</sup>.

Indo um pouco mais além, o real está ligado, como nos elucida Roudinesco e Plon, à realidade psíquica, “isto é, ao desejo inconsciente e às fantasias, que lhe estão ligadas, bem como um resto: uma realidade desejante, inacessível a qualquer pensamento subjetivo”<sup>11</sup>. O real é aquilo que nos rodeia, que nos aparece e reaparece, mas ao qual não temos acesso, não conseguimos nomear. Só conseguiremos apreendê-lo pelo simbólico e imaginário, mas quando isso acontece, ele deixa de estar no registro do real.

O imaginário é correlato à ideia de “estádio do espelho”, que é o momento da constituição do sujeito como um ser separado da mãe, da fusão entre o eu “je” e o eu “moi” a partir do olhar e da imagem do outro. E mais uma vez, utilizando a elucidação de Roudinesco e Plon: “Na categoria do imaginário situou todos os fenômenos ligados à construção do eu: antecipação, captação e ilusão”<sup>12</sup>. Esse registro é o responsável pela formatação da fantasia dentro de cada um de nós.

---

<sup>10</sup> NETTO, Geraldino Alves Ferreira. Doze Lições sobre Freud e Lacan. Campinas: Pontes Editores, 2010. P.210.

<sup>11</sup> ROUDINESCO, Elisabeth e PLON, Michel. Dicionário de Psicanálise; tradução; Vera Ribeiro. Rio de Janeiro:Zahar. P.645.

<sup>12</sup> ROUDINESCO, Elisabeth e PLON, Michel. Dicionário de Psicanálise; tradução; Vera Ribeiro. Rio de Janeiro:Zahar. P.371.

Apesar de esta tríade ser inseparável, o registro do Simbólico – reformulado com base no sistema de Saussure e Levi-Strauss - nos interessa particularmente mais para a elucidação do tema proposto, por ser indissociável dos conceitos de linguagem, significante, cultura, lei e grande Outro (que veremos mais adiante). Complementado o que vimos há pouco, “o simbólico faz do homem um animal fundamentalmente regido e subvertido pela linguagem” nos diz Netto<sup>13</sup>. Isso significa dizer que este registro está baseado na linguagem, cujas significações são determinantes do sujeito, podemos dizer, um meio de ser. A linguagem desnaturaliza os instintos, assim como toda a simbolização, coloca-se entre a coisa e a coisa simbolizada. Sendo assim, a palavra é indicadora da falta, é a morte da coisa, a separação original que inaugura a vida subjetiva. Só conseguimos ter acesso ao mundo por meio da linguagem.

O Simbólico é o guardião do “tesouro dos significantes” como nos diz Lacan, ou seja, de um conjunto de todas as peças, ou signos, possíveis para podermos usar, ou produzir sentido. Mas essa “escolha” para a significação é de certo modo particular, vai depender de como interagimos com o campo simbólico. Mais uma vez se ressalta que as palavras, o discurso, diz muito sobre nós.

Ainda pensando neste registro, é vital e natural falarmos sobre o grande Outro, que está dentro do universo simbólico, sendo um ordenador entre nós, sujeitos, e a linguagem (campo simbólico). De uma maneira mais rasa, como nos diz Žižek (2010), isto seria a constituição não escrita da sociedade, as leis introjetadas, representando a segunda natureza de todo o ser falante. Assim já estaríamos sobredeterminados e sobreditados por uma lei vinda de um grande Outro, que tudo sabe e tudo controla.

No entanto, de uma maneira mais profunda, estar dentro de uma determinação simbólica significa dizer que “nossa atividade de fala é fundada em nossa aceitação e dependência de uma complexa rede de regras e outro tipo de pressupostos”<sup>14</sup>. No entanto, há níveis de consciência sobre tais

---

<sup>13</sup> NETTO, Geraldino Alves Ferreira. Doze Lições sobre Freud e Lacan. Campinas: Pontes Editores, 2010. P.208.

<sup>14</sup> ŽIZEK, Slavoj. Como ler Lacan. Tradução Maria Luiza X. de A. Borges; Revisão técnica Marco Antonio Coutinho Jorge. Rio de Janeiro: Zahar, 2010. P.17.

regras: há algumas que dependem de nível de aceitação quase literal, mas que posso ter certa consciência, como as regras gramaticais; outra que não temos tanta consciência assim; ou então, que não podemos revelar, por ferirem o que seria socialmente correto.

Apesar de ser essencial, o grande Outro não é de carne e osso, ele é simbólico, ou seja, ele só existe na maneira em que agíssemos como se ele existisse. Como bem nos baliza Zizek:

“... ele é a substância dos indivíduos que se reconhecem nele, o fundamento de toda sua existência, o ponto de referência que fornece o horizonte supremo de significado, algo pelo qual esses indivíduos estão prontos a dar suas vidas; no entanto a única coisa que realmente existe são esses indivíduos e suas atividades, de modo que essa substância é real apenas na medida em que os indivíduos acreditam nela e agem de acordo com isso.”<sup>15</sup>

---

<sup>15</sup> ZIZEK, Slavoj. Como ler Lacan. Tradução Maria Luiza X. de A. Borges; Revisão técnica Marco Antonio Coutinho Jorge. Rio de Janeiro: Zahar, 2010. P.18

#### 4. ESFERA SOCIAL E DESEJO

O grande Outro, que exatamente por ser um “ditador de leis”, tem um papel fundamental para a nossa constituição como sujeitos do inconsciente e também constituição da nossa máscara social. Ele nos alivia de uma angústia de escolhermos sempre, é o mestre no qual podemos nos balizar.

Em seu *O Mal-Estar na Civilização* (1930), Freud, já nos mostra que há um grande distanciamento entre os instintos e as restrições impostas pelas exigências sociais, havendo sempre um descompasso entre o nosso desejo e o papel que temos que cumprir na esfera social. O mesmo nos mostra Lacan, apontando para o hiato existente entre nosso desejo e nossa carga simbólica.

Partindo do pressuposto que vivemos em sociedade, a carga de angústia que o sujeito tem que enfrentar é enorme, ainda mais se consideramos que há uma primazia do desejo. Muitas vezes a máscara social e suas leis podem nos apontar um caminho que entra em conflito com o que o nosso inconsciente nos mostra, nos deixando ainda mais distantes do nosso desejo. Por isso que toda a socialização é alienação e caracteriza um processo repressivo já que exige uma conformidade de conduta.

Esse processo não é simples para o sujeito, como novamente nos ajuda a compreender Safatle:

“Isso nos explica por que os processos de socialização tendem a se impor através da repressão do corpo libidinal, da culpabilização de toda exigência da satisfação irrestrita perpetuando, com isso relações de agressividade profunda contra aquilo que serve de ideal. Há um preço alto a pagar para ser um Eu.<sup>16</sup>”

A grande questão que nos aparece aqui é como os sujeitos fazem para inter-relacionar essas duas medidas, que nem sempre são coesas, nem sempre seguindo uma mesma direção.

Como já citado algumas vezes, somos serem faltantes e precisamos ter um Outro que nos diga o caminho a seguir, que nos tire essa angústia. Em relação a isso, Marcelo Viñar (1998) nos faz lembrar que:

---

<sup>16</sup> SAFATLE, Vladimir. Lacan. 2ª edição. São Paulo: Publifolha 2009. – (Folha Explica). P.18.

“Pensar por si mesmo não é um dado primário alegremente disponível no ponto de partida, mas, sim, o resultado da dor e penúria de um esforço de pensamento, em que ao gozo e ao prazer de reconhecer e descobrir opõe-se o sentimento de traição; ao consenso, o sentimento da criação como transgressão”<sup>17</sup>.

Assim, muitas vezes acabamos nos apoiando nas palavras deste Outro para justificar atos que nos levam de encontro ao nosso desejo, transferimos para ele uma crença primeira, que na verdade é nossa, como nos lembra Zizek (2010). Assim, o ato fica “disfarçado” de discurso consciente e social, mas tem uma motivação inconsciente, ditada pelo desejo. A diferença entre o conteúdo latente e o manifesto do ato se impõe.

A fala/discurso do Outro nomeia o nosso desejo, que é a mais clara tangibilização da falta que carregamos, afinal só desejamos o que nos falta para “ter” ou para “ser” e para buscar um sentido para o “eu”. Apoiamo-nos, então, naquele discurso, como um encontro de amparo, sem nos darmos conta desse processo. E a isso damos o nome de verdade, crença, ponto de vista, etc.

Seguindo a isso, se existe o grande Outro dando apoio à nossa necessidade de simbolizar e à nossa convivência na esfera social como aquele que aponta caminhos e dita regras, poderíamos nos perguntar por que todos não encaramos as mesmas coisas como verdade.

Mais uma vez podemos voltar ao que já foi comentado sobre a primazia do desejo e do inconsciente. Essas esferas são absolutamente particulares, mesmo sabendo que o desejo é o desejo do outro, segundo nos elucidada que “Meu desejo não é meu. É herança do outro. É efeito do que foi dito. O sujeito é somente um efeito do Outro que o atravessa”<sup>18</sup>, para cada um isto se configura de uma maneira. E são essas maneiras que nos impulsionam, ou seja, a elas que servimos, e que nos faz ver e compreender o mundo, a verdade se torna algo particular e a visão de mundo, narcísica.

---

<sup>17</sup> VIÑAR, Marcelo. O reconhecimento do próximo. Notas para pensar o ódio ao estrangeiro. In: KOLTAI, Caterina (Org). O Estrangeiro. São Paulo: Editora Escuta, 1998.. P.180.

<sup>18</sup> CALLIGARIS, Contardo. Sociedade e indivíduo. In: Psicanálise e Sintoma Social. Editora Unisinos: São Leopoldo, 1993. P.193.

Neste ponto surge a possibilidade de articular a isso outro pensamento de Zizek sobre a verdade absoluta dentro da esfera da psicanálise:

“... Para a psicanálise, a verdade (um dos lugares dos discursos) é sempre relativa a um indivíduo, é aquilo que compõe o inconsciente de cada um, e que é, em geral, desconhecido por ele. Por conseguinte, também a ética é pessoal e individual, sendo uma ética do desejo.”<sup>19</sup>

Como não há uma verdade única, e sim a verdade de cada um, para que ela tenha validade frente à sociedade e até frente à nossa face racional, ela se apóia na palavra do grande Outro, que garante validade e coerência às nossas ações. O seu discurso, então, é encarado como sentença, como verdade absoluta.

---

19 ZIZEK, Slavoj. Como ler Lacan. Tradução Maria Luiza X. de A. Borges; Revisão técnica Marco Antonio Coutinho Jorge. Rio de Janeiro: Zahar, 2010. P.68

## 5. IDENTIFICAÇÃO

Para completar o entendimento teórico da hipótese sobre a interação entre o discurso do grande Outro, a verdade e o desejo, parece nos fazer falta a compreensão do por que um discurso se sobrepõe a outro no momento de buscarmos um amparo que justifique nossa maneira de ver e agir no mundo.

Grosso modo, para nos apoiarmos em algo ou alguém, precisamos que isso se configure de alguma maneira como ideal para nós, mesmo na linguagem, por exemplo, o outro para quem ela significa já precisa configurar um ouvinte ideal. Identificar-se seria então, como diz Vladimir Safatle, “fazer como’, atuar a partir de tipos ideais que servem de modelo e de pólo de orientação para os modos de desejar, julgar e agir”<sup>20</sup>.

Como sabemos, o princípio do nosso desejo já não é original nem particular, uma vez que todo desejo é o desejo do outro. Há uma questão psíquica de nos mantermos no laço social, de nos identificarmos, fazermos grupos. Esse é, inclusive, o centro da questão da moda, das personalidades do momento, os sucessos musicais, cinematográficos, das novelas televisivas, etc. O importante é se sentir pertencente.

Neste ponto acreditamos que valha o parêntese somente para elucidar que o tema da alteridade não é mesmo tão simplista. Ao mesmo tempo em que ela é a peça fundadora de nossa formação como sujeitos, a “alteridade é percebida como perigo de ruptura de unidade; perigo necessário, porque a gemelaridade primordial tanto protege quanto asfixia”, como nos diz Viñar (1998). O próprio Viñar também nos chama a atenção para que “reconhecer e qualificar o outro é um problema difícil, porque ao contrário do que princípios morais ou religiosos que têm o homem como essencialmente bom, o outro pode ser alguém para subjugar ou exterminar”<sup>21</sup>. Ou seja, é difícil amar o outro incondicionalmente.

Parece-nos também pertinente que, neste momento, relembremos a separação entre os conceitos de identidade e identificação. No primeiro capítulo deste trabalho, chegamos a diferenciar tais conceitos, mas acreditamos que nos será de grande valia reforçá-lo. Em Psicanálise falamos de identificações e não em identidade, já

---

<sup>20</sup> SAFATLE, Vladimir. Lacan. 2ª edição. São Paulo: Publifolha 2009. – (Folha Explica). P.17.

<sup>21</sup> VIÑAR, Marcelo. O reconhecimento do próximo. Notas para pensar o ódio ao estrangeiro. In: KOLTAL, Caterina (Org). O Estrangeiro. São Paulo: Editora Escuta, 1998.. P.191; 175.

que isso sugeriria uma unidade, estabilidade e entraria em conflito com o inconsciente, como nos explica Octavio Souza (1994).

Sobre este dilema que parece ser a identidade, Calligaris nos ajuda a compreender que temos uma herança simbólica (que é passado à criança pelos seus cuidadores – ideologia, religião, etc) que nos funda e que não adianta tentar fugir ou negá-la e ser único e fazer-se por si, já que “não é ela, a cultura, que é nossa, mas nós é que somos dela”. Caso contrário, “se nós recalamos todas as nossas heranças para sermos indivíduos, nós vamos sofrer de uma tal falta de identificação, de recursos identificatórios, que vamos, necessariamente, inventar identidades imaginárias no lugar de identificações”<sup>22</sup>.

Assim acreditamos que o grande Outro, ao qual “obedecemos”, não é uma instância eleita ao acaso, a questão da identificação é chave para apontar o caminho do recorte dos discursos vigentes em direção ao nosso desejo.

---

<sup>22</sup> CALLIGARIS, Contardo. Sociedade e indivíduo. In: *Psicanálise e Sintoma Social*. Editora Unisinos: São Leopoldo, 1993.P.194; 191.

## 6. CINEMA E PSICANÁLISE

Como comentado no início do presente trabalho, para visualizarmos como esses desdobramentos teóricos acontecem na esfera humana, nos apoiaremos em um estudo de caso, tendo como objeto uma obra cinematográfica. Acreditamos que, além de ser um fruto da nossa cultura (um discurso cultural) e, por isso, dizer muito sobre nós, o cinema e a Psicanálise podem caminhar juntos naturalmente e têm muito que somar um ao outro.

Em seu prefácio à obra *O Psicanalista vai ao cinema* (2004), Luís Carlos Merten nos lembra que Psicanálise e cinema são criações contemporâneas. Em 1899 Freud lança *A Interpretação dos Sonhos*, obra fundadora da psicanálise, e somente quatro anos antes, os irmãos Lumière tinham feito a primeira apresentação do seu cinematógrafo.

A partir da obra de Freud, os sonhos passam a ser encarados não mais como mensagens divinas ao homem, mas como a realização de desejos infantis reprimidos. Com isso a Psicanálise permite uma apreensão de uma nova lógica psíquica que obedece ao inconsciente.

Por sua vez, o cinema também lida com temas oníricos por meio de imagens. Ao se utilizar de material das camadas inconscientes do pensamento, o cinema permite que os espectadores sonhem acordados, em um estado tal de envolvimento garantido por questões subjetivas que não são só de um personagem, mas deles, da vida humana, das relações sociais. Além de uma questão inerente, a Psicanálise, inclusive, enriquece o olhar dos autores que podem ir além do óbvio e cartesiano e descer a temas mais profundos do sujeito, que refletem mais as suas verdades. Geraldino Alves Ferreira Netto em seu livro *12 lições sobre Freud e Lacan* (2010), dedica um dos seus capítulos a mostrar que à medida que a teoria de Freud se desenvolvia, os roteiros de cinema iam agregando-a em suas reflexões.

Como nos lembra também Merten (2004), quando se fala de psicanálise e cinema é impossível não citar Freud e Hitchcock, e suas interfaces já foram bastante exploradas e sempre com frutos muito interessantes. Žižek é um dos autores que nos brinda com algumas análises sobre essa interface.

Olhando pelo outro lado, também é impossível de ignorar que o próprio Freud construiu as bases da Psicanálise apoiado na literatura e na arte, como a

tragédia grega “Édipo Rei” e o personagem Narciso, da mitologia greco-romana. Além disso, como bem nos lembra Sérgio Telles (2004) Freud se impressionou ao ler *Gradiva*, de Jensen, declarando que o escritor havia chegado à mesma conclusão que ele, em relação à dimensão psíquica do inconsciente, por meio da arte.

Sendo assim, arte (cinema) e Psicanálise têm uma clara afinidade. É possível, então, buscar em diversas outras obras cinematográficas o olhar de análise psicanalítica, pois ao buscar inspiração em temáticas e imagens oníricas, dizem respeito diretamente ao inconsciente, pinçando temas das angústias humanas, de seu mal-estar social, de sua sexualidade, que vão além da pura lógica consciente.

Um curioso por este tema poderia ir mais a fundo no estudo sobre a questão do olhar no cinema, por exemplo, já que todos os expectadores não deixam de serem *voyeurs* ao acompanhar a trama de um filme na sala escura, por exemplo. Poderia também levantar o aspecto da imagem do cinema (seus enquadramentos, suas cores), ou da identificação possibilitada entre espectadores e personagens, ou ainda sobre alguma questão levantada pelo cineasta no roteiro da obra. Enfim, possibilidades infinitas e todas que dizem respeito aos aspectos mais profundos e relevantes da natureza humana.

E é este traço humano que buscaremos na obra que nos servirá de material analítico, fazendo um paralelo entre o levantamento teórico e a observação cultural dos conceitos acontecendo na prática. No entanto, o que é interessante notar e que também não podemos nos esquecer, é que um filme, ainda mais com uma grande repercussão, também poderia configurar o discurso do grande Outro, que nos levará a tomar seu discurso como indicativos de caminhos que levem ao nosso desejo, fazendo com que nós mesmos manipulemos a realidade a nosso favor. Esse é um risco que corremos, de talvez conseguir analisar a hipótese proposta e ainda sim ser prisioneira dela. (Seria muito gratificante se assim acontecesse!).

## 7. ANÁLISE DA OBRA

O filme *El secreto de sus ojos* (Argentina / Espanha, 2009), ganhador do Oscar de “Melhor Filme Estrangeiro” em 2010, entre outros prêmios, conta uma história basicamente de amor. E por ser assim, trata de pessoas, suas relações, suas identificações, seus desejos e angústias. Nele, é possível seguir por vários fios que levam a grandes aspectos humanos. O fio que o presente trabalho pretende seguir é o de como é possível fazer o desejo - parte integrante de cada homem - interagir com a ordem simbólica que nos rodeia e nos toca a todos. Como o desejo de cada um lhes escapa no momento da interação com a ordem simbólica.

No entanto, para conseguirmos chegar a este objetivo, teremos antes que esbarrar em outros temas, em questões que nos ajudarão a entender o todo dos personagens e também do discurso da obra. Faremos um pouco do que fizemos para nos embasar teoricamente e poder encontrar maneira de compreender o tema central do presente trabalho. Assim, tentaremos garantir que a questão possa ser vista por uma óptica mais densa, menos superficial e simplista. No entanto, não entendemos como estranha esta construção, já que o próprio filme parece um mosaico de temas que entrelaçam sem sabermos ao certo onde ele nos levará, e ao final, ele nos agracia com a convergência para um grande e singular tema.

Voltando agora ao tema proposto por nosso trabalho, esta obra parece nos servir bem a seu propósito, uma vez que trata em seu enredo, entre outras coisas, da temática da lei normativa, a lei escrita pelos homens, que podemos tomar como alegoria do grande Outro, do qual tanto falamos. Nela, seremos capazes de ver o desejo de cada um dos personagens lhes escapando, lhes movendo a caminhos aparentemente indicados pela razão, cujas justificativas nascerão do esculpir dos discursos do Outro. Particularmente nesta obra, a forma mais emblemática de escape desse outro viés que nos move será os olhos. Podemos imaginá-los como uma metáfora da janela do inconsciente, abertos aos nossos desejos, e que, por isso, não conseguem mentir.

Mais particularmente, perseguir-se-á o fato de como três dos personagens principais desta obra articulam estas inseparáveis dimensões sob a ótica da

Semiótica-psicanalítica, tendo em vista, como bem nos lembra Celso Ramos Figueiredo Filho, que a reflexão de Freud é, “antes de tudo, uma tentativa de compreensão da dialética entre o social e o singular do sujeito, naquilo que ele tem de mais particular, ou seja, na sua subjetividade”<sup>23</sup>. Esses três homens enriquecerão a nossa busca, já que são muito diferentes entre si, com história de vida e maneiras de olhar o mundo também bem distintas, e, por isso, interagindo com a ordem simbólica de maneira particular. Para que, então, se consiga chegar às inferências e conceitos necessários ao suporte do trabalho, será preciso desvendar o universo de cada um, explorando um pouco mais sobre suas histórias.

Somente como uma interferência, não poderia deixar de ser percebido que ao analisar uma tríade de personagens, algumas famosas tríades - que nascem na semiótica e se traduzem na Psicanálise – aparecem permeando o nosso pensamento, como o RSI e as estruturas clínicas lacanianas (psicose, neurose e perversão). Tentaremos traçar um diálogo entre essas tríades para compreender melhor a atitude de cada um dos personagens.

Para que o leitor possa nos acompanhar nesta análise, achamos pertinente dar um panorama geral da narrativa do filme, apresentando seus personagens.

### **Breve resumo da história**

O filme conta a história de um procurador de justiça já aposentado, Benjamin Espósito, que se lança em uma viagem ao passado (com a motivação de escrever um livro) para tentar descobrir o mistério de um assassinato de uma moça, do qual cuidou 20 anos antes, e que ainda o atormenta. Na realidade, esta se mostra ser também sua jornada interior para desvendar coisas sobre ele próprio e ir atrás de temas da sua vida que não foram concluídos. Espósito é apaixonado por Irene Menendez, procuradora, que foi sua superior na época do assassinato e que também o ama, mas à qual ele nunca deu abertura neste sentido. Benjamin é um dos personagens centrais de nossa análise.

---

<sup>23</sup> FIGUEIREDO FILHO Celso Ramos. "O segredo de seus olhos: um encontro entre Cinema, História e Psicanálise." (20110. In: <http://www.historiaehistoria.com.br/materia.cfm?tb=artigos&id=179>. Acesso em Março de 2012.

Ricardo Morales é recém-casado com Liliana Colotto. Ele trabalha em um banco e vive uma vida tranquila e pacata até que sua esposa é brutalmente estuprada e assassinada. A partir daí Morales dedica sua vida a buscar justiça contra o assassino e levará isso às últimas consequências. Ele é o segundo dos três personagens que mais nos interessam do filme.

Isidoro Gómez é um operário interiorano que mora na capital e trabalha na construção civil e um ex-colega de Liliana da juventude, mas nunca mais havia falado com ela. Após alguma investigação, Espósito e seu amigo, Sandoval, descobrem que ele é o assassino da moça, mesmo após a polícia ter encerrado o caso. Depois de uma perseguição, eles conseguem a confissão do crime, o que deveria deixá-lo detido por muitos anos. No entanto, por prestar serviços de espionagem à polícia dentro da cadeia, Isidoro logo é solto. Este personagem completa a nossa tríade de interesse.

Espósito, o procurador, deixa a cidade depois de Sandoval, seu amigo, ser assassinado em seu lugar, mas esse caso sempre o atormentou. Ele volta depois de 20 anos para escrever um livro sobre o caso, e então, volta a investigá-lo e vai descobrir o que foi feito da vida destes outros dois importantes personagens. Espósito acaba por encontrar Isidoro trancafiado, em prisão perpétua, nos fundos da casa de Ricardo Morales, que fez com que a “justiça” fosse cumprida.

Saindo da história em si, é Interessante notar os três exemplos de cartazes de divulgação do filme nas imagens a seguir. As imagens parecem trazer essa tensão que é inerente ao enredo. O protagonista (Espósito) aparece sempre à frente da cena com uma feição (mesmo quando não vemos claramente o seu rosto) e linguagem corporal de angústia, acompanhado de cores escuras que ajudam a dar o peso necessário a este personagem. Ao fundo (ou em um dos exemplos, em primeiro plano) está a mulher que será a grande busca da sua vida, busca essa que também fica explicitada pelas imagens ao fundo, de trem, de partida, de despedida (as mãos que se encontram separadas por um vidro de janela) em um plano de luz, mais claro. Também o nome “El secreto de sus ojos” parece indicar que o segredo tem algo a ver com essa mulher. O que também ajuda dar o peso à situação é a imagem de Isidoro com uma arma na mão, cena que será explorada mais adiante.



Cartazes de divulgação de *El secreto de sus ojos*.

## 8. NEGAÇÃO E IDEALIZAÇÃO DA HERANÇA SIMBÓLICA EM ESPÓSITO

Apesar de ser um representante da lei, um funcionário do poder judiciário, Espósito sempre está em embate com ela. Isso nos faz lembrar do processo de identificação, sobre o qual comentamos, e que nos faz contestar a autoridade. Como bem nos lembra Calligaris (1993);

“Nosso processo de internalização das leis, de nossa herança, implica que o indivíduo internalize a lei recusando a origem social do que ele internaliza. Ou seja, nosso processo de internalização vai junto com a recusa psíquica da origem do que é internalizado. A autoridade assim internalizada só vale na medida em que o indivíduo julga o que ele internalizou como sendo eventualmente justo”<sup>24</sup>.

Entendendo este ponto na obra, Espósito não acata a palavra de seus superiores, as definições oficiais, nem mesmo as pequenas regras sociais e organizacionais de seu país, como simplesmente não comunicar oficialmente a mudança de residência, por exemplo.

Em outras situações isto também fica claro, como por exemplo, quando não quer aceitar o caso de investigação de assassinato que chega para a responsabilidade de seu departamento, indicado por alguém com cargo de chefia. De outro lado também, quando ele finalmente se interessa pelo caso, o mesmo retorna à responsabilidade do outro departamento, mas ele não aceita perder o caso e segue com as investigações. Ainda além, quando a justiça fecha oficialmente o caso, mesmo assim ele não respeita e segue rumo à sua solução, que levará mais 20 anos de sua vida. Ou seja, o embate com a autoridade é constante.

Apesar de toda esta rebeldia e contrariedade, Espósito mostra identificar-se muito com uma ideia de Lei em sua forma mais pura (representando seu imaginário). Ele parece estar buscando a “Justiça” verdadeira, com o senso do mais “correto”, no que diz respeito à lei social. Ele parece entender que há uma diferença muito grande entre esta “Lei” e a lei normativa, dos homens, por isso

---

<sup>24</sup> CALLIGARIS, Contardo. Sociedade e indivíduo. In: *Psicanálise e Sintoma Social*. Editora Unisinos: São Leopoldo, 1993. P.187

está sempre em embate com essa última. Aqui podemos ver um exemplo de mal-estar, de desarranjo que parece acontecer entre o nosso desejo e a realidade social.

Já o caso Aimee<sup>25</sup> nos mostra essa relação entre ideal, agressividade e lei, no qual o seu objeto ideal é o mesmo que o do seu ódio. Desta maneira, podemos compreender o que nos disse Lacan que a agressividade é o dilaceramento do sujeito contra si próprio.

Ainda sobre a agressividade Safatle (2009) nos aponta que “(...)a pessoa atinge uma outra não para livrar-se do ideal que a persegue, mas para ser punida, ser culpada diante de uma lei social da qual sempre se sentiu descolada – ter diante de si a presença da potência asseguradora da lei (a lei também é para esta pessoa).”<sup>26</sup>. Ou então, como expõe Calligaris, “O sujeito é efeito de uma cultura na qual ele é obrigado a odiar a sua herança, sendo este ódio uma implicação desta própria herança”<sup>27</sup>.

Durante o filme, vemos que Espósito é colocado em embate com personagens que se configuram exatamente como seu contrário em relação a seu desejo de lei. Ele está em um ambiente corrupto, da Argentina dos anos 70, do governo de Isabelita Perón, pré-golpe militar e ditadura. A polícia é corrupta e o governo também e isso tem influência direta nas ações de Espósito, que entra em embate, muitas vezes, com a situação.

As consequências sofridas por Espósito neste enfrentamento são marcantes até mesmo, e principalmente, em sua vida pessoal. Eles serão os responsáveis por mostrar a ele que a justiça pode ter seu lado sujo, de corrupção, de manipulação de interesses. Também serão os responsáveis pelo assassinato de seu amigo Sandoval e sua fuga de Buenos Aires, que será uma fuga também de seu grande amor, Irene.

Podemos propor uma interpretação na qual a grande paixão do protagonista é uma metáfora da Lei em seu sentido mais idealizado. Irene é uma jurista que

---

<sup>25</sup> Famoso caso clínico de Lacan no qual Aimeè fere HuguetteDuflos, famosa atriz dos anos 30, por quem, de maneira delirante, se sente perseguida. O caso foi diagnosticado como uma erotomania de autopunição. Segundo Geraldino Alves Ferreira Netto (2010), “isto significa que o crime foi perpetrado com a finalidade de receber uma punição pelas culpas inconscientes. Lacan disse a ela que pelo mesmo golpe que a torna culpada perante a lei, ao ferir a atriz, ela fere a si mesma. A cura sobreveio quando ela entendeu que a atriz representava seu próprio ideal de eu. De fato, seus delírios acabaram logo depois”. P.222.

<sup>26</sup> SAFATLE, Vladimir. Lacan. 2ª edição. São Paulo: Publifolha 2009. – (Folha Explica). P.21.

<sup>27</sup> CALLIGARIS, Contardo. Sociedade e indivíduo. In: Psicanálise e Sintoma Social. Editora Unisinos: São Leopoldo, 1993. P.187 P. 189

chega para ser a superiora de Espósito. Ela, além de sua chefe, é mais nova e uma mulher de família tradicional e endinheirada. Ele logo se apaixona por ela e essa passa a ser uma das grandes questões de sua vida, já que ele não consegue assumir essa posição frente a esta mulher idealizada. Ou seja, ele está em busca e fugindo dela ao mesmo tempo.

Com esse embate angustiante para com a realização do seu desejo, podemos propor um paralelismo em relação ao conceito da neurose, que como nos lembra Laplace e Pontalis (2008), “constitui compromissos entre o desejo e a defesa”. O neurótico aceita a lei (paterna, cultural) e obedece de bom ou mau grado às exigências sociais, segundo Ferreira Netto (2010). Assim, neurose e o registro do simbólico são primazias um sobre o outro. Essa fuga constante de seu amor e a tendência para a simbolização, como racionalização de tudo, deixa tendencioso que Espósito está mais próximo à estrutura neurótica.

Seus inimigos percebem essa relação e usam essa equivalência entre Irene e a lei para mostrar o quanto essa Lei pura é impossível e o quanto também Espósito está longe desta mulher. Mais uma vez há uma aproximação entre a Justiça pura e Irene e ambas como utopias, inalcançáveis. Nas palavras do deputado - inimigo do protagonista por ser um homem corrupto - sobre a Lei: “*A justiça é uma ilha no mundo. Mas este aqui é o mundo*”. Ele também enfatiza que Irene é advogada, juíza, jovem, rica e intocável, enquanto Espósito é um mero perito contábil, velho, pobre e não-intocável.

Sendo assim, podemos pensar que a maneira na qual Espósito vê o mundo, recorta sua realidade narcísica, passa necessariamente por este embate: busca e fuga que são reflexos de sua configuração como sujeito, de como ele configura os seus laços sociais. Ele precisou encontrar uma profissão que o permitisse praticar este constante questionamento entre o que ele quer e o que “deixam que ele tenha”, o mesmo com seu grande amor. Com isso conseguimos entender melhor quando Pacheco Filho (1997) nos diz que “sujeito e sociedade só existem em função do laço social”<sup>28</sup>.

Para conseguir, enfim, uma trégua nesta batalha e para que ele consiga ir ao encontro do que ele sempre desejou, a Lei pura ou Irene, é preciso que ele veja

---

<sup>28</sup> PACHECO FILHO, R. A. O conhecimento da sociedade e da cultura: a contribuição da psicanálise, Revista Psicologia e Sociedade; 9 (1/2), jan/dez. 1997

este conceito sendo colocado em prática, a justiça vencendo. E aparentemente é isso o que acontece ao final do filme, sobre o qual falaremos mais adiante.

As imagens abaixo, escolhidas para ilustrar este capítulo, talvez nos ajudem a entender o espírito deste personagem que vive dentro do mundo da lei normativa, seus papéis, sua burocracia, mas que ao mesmo tempo não se aquieta, que tem seus olhos (que podem representar sua busca) em algo maior, aparentemente longe dali. Esse espírito de embate e de liderança (caracterizado na foto pelo seu amigo atrás de si de pé na imagem) para levá-lo a não se intimidar ou se conformar diante das situações.



## 9. PODER E PERVERSÃO EM ISIDORO

Isidoro Gomez é crucial na trama, já que ele é o elo que une as histórias de todos os personagens. Ele é o personagem menos explicitado e aparente em sua subjetividade em reação aos outros dois, mas mesmo com suas aparições quietas podemos sugerir uma análise sobre sua estrutura subjetiva e entender como ele lida com a ordem simbólica.

Isidoro é descoberto por Espósito como o assassino da moça, ao ser flagrado deixando escapar seu desejo, como um ato falho (ou ato acertado, como costumava dizer Lacan). Ao olhar fotos antigas de Liliana percebe a recorrência de um olhar masculino sobre ela. Um olhar focado, obcecado, erótico. Por esse olhar, ele descobre o assassino. Ele vai além das provas jurídicas tradicionais, capta um aspecto humano, o amor, o desejo, aspecto vivenciado por ele também ao olhar para Irene.

Além desta vez, Isidoro é novamente flagrado em sua subjetividade, deixando escapar o seu desejo. Sandoval, amigo do procurador, consegue ler as entrelinhas das cartas de Isidoro para a mãe, nas quais deixa clara sua “paixão”. O autor das cartas repetidas vezes faz menção a nomes masculinos que são interpretados como jogadores de futebol de um certo time argentino. Sandoval diz para Espósito que um homem pode mudar tudo em vida, menos sua paixão (seu desejo) e isso os faz irem ao encontro de Isidoro em um estádio de futebol. E lá, no meio de uma multidão (imagem abaixo) ele está e é capturado.



Esta é uma das passagens mais interessantes do filme, mostrando exatamente o escape do desejo humano, que não se consegue ocultar, mesmo estando fugindo de um crime cometido. Ele nos guia não importa com o que mais tenhamos que lidar, já que dizem muito sobre nós, são o centro da nossa falta e então, do que nos configura como sujeitos.

Isidoro é aparentemente um tipo pacato. Ele é um operário interiorano que está trabalhando na capital, com vida bastante modesta. O que sabemos da vida passada e privada do assassino é que era apaixonado desde muito jovem por Liliana, mas não parecia ser correspondido. Sabemos também que tem uma mãe, que mora sozinha com seu cachorro em uma casa no interior, para a qual escreve cartas corriqueiramente. Apesar disso, ele estupra e assassina brutalmente seu “amor” de anos atrás.

Este personagem é um homem que parece demonstrar poder através da reafirmação de sua masculinidade e por conseqüência através da força do sexo. Quando ele é interrogado por Espósito que o acusa de ter assassinado Liliana, ele parece um homem indefeso que nega uma calúnia. No entanto, Irene, com muita sagacidade, começa a insinuar que um homem franzino como ele não poderia ter cometido aquele crime, pois o assassino seria alguém de pênis grande. Assim, ela insulta sua masculinidade e, principalmente, sua potência. No mesmo momento Isidoro coloca o pênis para fora da calça para provar que era grande e que realmente era capaz de fazer tudo que fez. Ele entrega seu crime em troca de um ganho de gozo.

A seqüência de imagem a seguir mostra a mudança de atitude mostrada por Isidoro em seu interrogatório. De alguém aparentemente indefeso, com a postura curvada, um olhar ingênuo uma posição de mãos claramente de insegurança (interessante notar a autoridade mostrada pelo guarda de pé atrás dele nesse momento), para um homem altivo, forte, que encara a alteridade de forma agressiva (veja que ele se levanta frente a Espósito e Irene, mesmo o guarda continuando na sala) e acaba por impor claramente sua masculinidade, exaltando seu falo - aqui literalmente seu pênis.



Fazendo o mesmo paralelo feito com Espósito, Isidoro tem uma estrutura psíquica que parece se aproximar mais à perversão, no sentido em que utiliza os outros como objetos para a obtenção do seu gozo. Tem uma estrutura parecida à neurótica por, a princípio, aceitar a lei, mas se dá ao direito de abdicar dela se assim o convier. Tem bastante forte a questão da sexualidade que, diferente da neurótica, “não conhece nem a proibição do incesto, nem o recalque, nem a sublimação”<sup>29</sup>. E sobre o lugar no qual vemos Isidoro na lei, segundo nos diz Ferrerira Netto (2010): “no simbólico, o perverso acata a lei, mas não se compromete com ela, deslizando para o imaginário em certas ocasiões. (...) Esta é a única estrutura em que o lugar da lei não é fixo”<sup>30</sup>.

Isidoro é preso, mas não fica muito tempo. Como nos faz pensar Celso Ramos Figueiredo Filho, ele estabeleceu um laço social com a ditadura que também é uma estrutura perversa. O personagem ajuda a polícia com informações de dentro da cadeia e é solto. Além disso, ele ganha um cargo de confiança do poder da ditadura, mesmo sendo um assassino confesso e homem simples que é. Ele estabelece um laço de identificação com esse mundo em troca de satisfação gozosa, que lhe garantirá algum poder por meio da força bruta, algo que já era intrínseco à sua subjetividade.

Aqui, mais uma vez – além da cena do pênis - Isidoro demonstra sua garantia de potência por meio de um objeto fálico. Ao descer no elevador com Espósito e Irene, no momento que esses vão cobrar explicações sobre sua soltura com um deputado, Isidoro fica manipulando um revólver. Em seguida se pode ver a imagem desta cena, Irene e Espósito estão intimidados e assustados pelo assassino que ajudaram a desmascarar, mas que neste momento exerce a função de poder. Esses símbolos bastante masculinos, fálicos, são explorados para nos mostrar quem é Isidoro. Como nos lembra Pacheco Filho, “os símbolos coordenam, moldam e organizam simultaneamente a sua sexualidade e a sua relação com os outros”<sup>31</sup>.

---

29 LAPLACHE e PONTALIS. Vocabulário da Psicanálise; tradução: Pedro Tamen. São Paulo: Martins Fontes, 2008. P.585.

30 NETTO, Geraldino Alves Ferreira. Doze Lições sobre Freud e Lacan. Campinas: Pontes Editores, 2010. P.212.

<sup>31</sup> PACHECO FILHO, R. A. O conhecimento da sociedade e da cultura: a contribuição da psicanálise, Revista Psicologia e Sociedade; 9 (1/2), jan/dez. 1997. P.128.



## 10. IDENTIFICAÇÃO E MANIPULAÇÃO DO DISCURSO DO OUTRO EM MORALES

Ricardo Morales é recém-casado e de vida pacata, trabalha em um banco e ainda está curtindo os primeiros anos do casamento com sua esposa, Liliana, quando isto é interrompido por seu brutal assassinato. É aí, então, que ele conhece Espósito, investigador do caso.

Espósito desde que apresentado ao caso fica fortemente identificado com ele. Além do seu desejo pela justiça, este caso em especial mostra um grande amor, e um amor jovem, interrompido. Isto toca bastante Espósito, pois além de sua busca constante por justiça, ele vê neste caso uma situação correlata à dele, a de um amor não realizado.

Essa identificação de Espósito com o caso acontece também de Morales – o marido - com Espósito. Essa figura lhe inspira autoridade, tanto que seu discurso será tomado como guia da verdade e a levará às últimas consequências, quando Morales fará se cumprir o discurso de Espósito como uma sentença, essa que a justiça formal não conseguiu fazer acontecer. Há uma relação de poder compreendida por ele, e como nos diz Eugène Enriquez (1996), “a Psicanálise nos confronta com o problema do poder. Ela nos mostra que o vínculo social é, antes de tudo, um vínculo de poder”<sup>32</sup>.

Morales, Espósito e seu amigo Sandoval representam um grupo que busca a justiça e luta por ela. Como todo o grupo, há um reconhecimento mútuo do desejo do outro, o que gera identificação e assegura, assim, seus lugares na ordem simbólica. Como bem expõe novamente Enriquez (1996):

“Todo ser humano está constantemente dividido entre o reconhecimento de seu desejo e o desejo de reconhecimento (identificação), as pulsões que o animam são obrigadas, para encontrar satisfação, a voltar-se para a existência do outro. Somente o outro pode aceitar seu desejo como tal e reconhecê-lo como portador de desejo, só o outro pode assegurá-lo de seu lugar na ordem simbólica social”.<sup>33</sup>

---

<sup>32</sup> ENRIQUEZ, Eugène. Da horda ao Estado: Psicanálise do vínculo social. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996. P.23

<sup>33</sup> ENRIQUEZ, Eugène. Da horda ao Estado: Psicanálise do vínculo social. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996. P.17.



À esquerda Espósito e Morales e à direita Espósito e Sandoval.

Esse “grupo” justiceiro formado pelos três trará marcas profundas e definitivas em suas vidas. Para que haja tal identificação, o grupo deve ver o mundo de uma maneira parecida e atribuir a isso certos significados, significados que o fazem concretizar a verdade. E para eles, ela realmente fica concreta. Sandoval, inclusive, chegando ao ápice desta identificação, ao ser confundido com Espósito por um grupo contratado para exterminá-lo, e se deixa matar em seu lugar.

Além disso, um dos pontos altos para a trama acontece em uma conversa com Espósito sobre qual será a punição do assassino assim que ele for encontrado, Morales toma o que o investigador fala como se aquela fosse a sentença de um juiz, e assim, ele se mune de autoridade para ter justificativa para suas ações:

- Morales: *Quando pegarmos esse cara qual será a sua condenação?*
- Espósito: *Para homicídio qualificado por estupro... prisão perpétua. O que vai fazer? Aqui não tem pena de morte.*

E assim se faz. Como a lei dos homens não consegue dar conta de cumprir a sentença dada por Espósito ao assassino - já que ele estava protegido embaixo da malha de um governo corrupto - o próprio Morales a coloca em prática.

Quando Espósito vai à casa de Morales 20 anos mais tarde para falar sobre o caso do passado, este parece já tê-lo superado e pede para que Espósito faça o mesmo. Depois ainda tenta convencê-lo de que ele matou Isidoro e se livrou do corpo pedindo que o procurador esqueça o caso. Espósito mesmo estranhando sua atitude, vai embora.

No entanto, o procurador se lembra de seu amigo Sandoval dizendo que “um homem pode mudar tudo, só não pode mudar de paixão” e pensa em como o amor de Morales por Liliana (sua noiva) era forte, de como aquele homem era

determinado a fazer o assassino ser punido. Então, ele repensa e volta à casa. Lá, ele encontra Isidoro em uma prisão perpétua aplicada por Morales. E Morales se justifica e diz para ele: *Você disse perpétua.*



Isidoro encontrado por Espósito no cárcere privado em que Morales o colocou.

A “palavra” deste Outro será utilizada como justificativa da “sentença” que será aplicada pelo próprio Morales. No entanto, essa sentença já estava anunciada por suas próprias palavras no passado (na continuação do discurso acima), seu desejo já era este, mas foi preciso recortar e moldar o discurso de Espósito para que isso se fizesse valer.

Conversa entre Morales e Espósito no passado (antes de a Justiça não dar conta de punir o assassino):

- Morales: *Eu não concordo com pena de morte.*
- Espósito: *Eu também não, é que achei que seria uma forma de compensação para você.*
- Morales: *Compensação? Vão estuprá-lo e matar a golpes como fez com ela? Não, lhe dariam uma injeção e ele dormiria tranquilamente. - Muito injusto! Sabe o que ele daria por uma injeção assim? Não! Que ele viva muitos anos, para se dar conta que todos esses anos são cheios de nada.*

Conversa entre Morales e Espósito no presente (20 anos depois do assassinato):

- Morales: *Você disse perpétua... Então, eles deveriam ter dado perpétua. O que quer que eu diga? Essa gente pega a justiça e a enfia no rabo. E onde ele está agora não se pode mais chegar perto. E se*

*pudesse, de que se serviria? O que eu faria? O que ganho se der 4 tiros nele? Eu ficaria na prisão até morrer. Gómez cairia no chão, livre de tudo e eu passaria 50 anos preso, com inveja da sorte dele. Não! Para mim a prisão perpétua para ele estaria bom.*

“Para mim a prisão perpétua para ele estaria bom”, aqui o desejo de Morales está anunciado como tal e foi isso que se cumpriu e de maneira bem particular, remetendo a primeira pessoa do singular. Mesmo ele apontando a “responsabilidade” da sentença para Espósito, ela se cumpre em uma esfera muito particular. Em contraponto, no passado, sempre que falava do caso, Morales utilizava a primeira pessoa do plural (*Quando pegarmos esse cara qual será a sua condenação?*), isentando-se, ou pelo menos, compartilhando, a culpabilidade de suas ações, já que seu desejo estava oficialmente guiado por um Outro.

Apoiar-se neste Outro parece ser mais tranquilizador, menos angustiante e nos traz menos trabalho, dor e risco, nos aponta Marcelo Viñar (1998). Ele também nos diz que:

“Pensar por si mesmo não é um dado primário alegremente disponível no ponto de partida, mas, sim, o resultado da dor e penúria de um esforço de pensamento, em que ao gozo e ao prazer de reconhecer e descobrir opõe-se o sentimento de traição; ao consenso, o sentimento da criação como transgressão”<sup>34</sup>.

Ou seja, a autoridade do outro só é mantida e tomada como tal, na medida em que ela está em alinhada com a vontade do indivíduo. Ou seja, mais uma vez parece claro que os indivíduos tomam o discurso do grande Outro de uma maneira narcísica, ou seja, que fale ao seu desejo, para justificá-lo e embasar como “verdadeiras” e dignas as suas ações. No caso da obra, Espósito deu sentido ao desejo de Morales e ele fez valer o seu desejo de ordem, nos baseando no que diz Pacheco Filho (1997).

Como uma breve interrupção não de todo fora de contexto, acreditamos que vale a oportunidade de ressaltar que para a Psicanálise, apesar de o sujeito ser

---

<sup>34</sup> VIÑAR, Marcelo. O reconhecimento do próximo. Notas para pensar o ódio ao estrangeiro. In: KOLTAL, Caterina (Org). O Estrangeiro. São Paulo: Editora Escuta, 1998.

guiado pelo seu inconsciente, ele não se torna livre de responder pela responsabilidade de suas ações.

Voltando à análise, com o mesmo exercício de relação entre as tríades (os personagens, o RSI e as estruturas clínicas), poderíamos entender a atitude que tomou Morales como mais próxima à estrutura da psicose. Mesmo não contemplando delírios e alucinações, ou seja, não se configurando de maneira patológica, ele constrói um novo código para substituir a lei faltante. Ele não aceitou o que a justiça social tinha a dizer a ele, por isso aceitou o simbólico, caminhando em direção ao imaginário.

## 11. SIMBOLIZAÇÃO COMO SIGNIFICAÇÃO DA VIDA

A única coisa que Isidoro, o assassino, já muito mais velho e abatido, diz a Espósito, quando esse o encontra no cárcere, é *“Diga a ele, peça a ele que ao menos fale comigo!”*. Morales não só priva Isidoro de sua liberdade, como também das “palavras”, do campo simbólico mais elementar. Morales não conseguiu se liberar da identificação com a Liliana mesmo depois de sua morte e o objetivo de sua vida passou a ser vingança contra o responsável. E foi o que ele fez instaurando não só a prisão, mas também o silêncio, bastante característicos do eterno luto que se tornou sua vida após a morte da esposa. Agora, a vida dos dois está vazia, está “cheia de nada”, como se repete algumas vezes durante o filme. E ele também deixa a vida de Isidoro cheia de nada, privando-o da palavra e assim, promovendo o apagamento do sujeito.

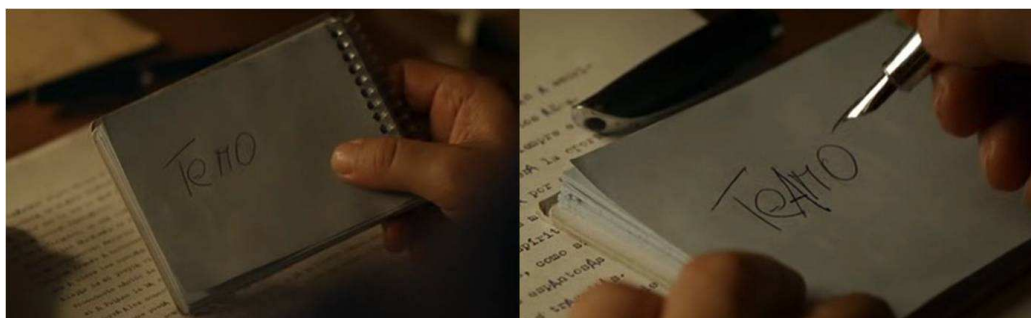
Espósito fica chocado com a situação, mas parece ver que a Justiça – aquela que ele sempre buscou, a mais pura - foi alcançada, ele parece ver o que é se sentir vingado, não só contra uma situação particular, mas também contra uma situação histórica de muita corrupção em seu país.

No entanto, ele também vê que quem fez a justiça acontecer, dedicou sua vida inteira a isso e acabou por ficar na mesma posição que o outro - preso, em silêncio. Morales, inclusive, o incentiva a se libertar, a esquecer aquilo, do contrário: *“Você vai ter mil passados e nenhum futuro”*. Neste momento, ele percebe que estava na mesma situação de paixão-prisão de Morales e decide seguir adiante em sua vida.

O ângulo da câmera explorada pelo cineasta, parece querer nos mostrar a prisão em que Morales está e em que Espósito também ficaria se não mudasse o rumo da sua vida. Ambos são mostrados entre as grades, assim como Isidoro.



A partir deste momento, algumas coisas que atormentavam Espósito passam, então, a fazer sentido. Ele tinha sonhos recorrentes nos quais digitava em sua máquina de escrever a palavra TEMO. Ele se lembra, então, que a sua máquina tem um defeito ao digitar a letra A e percebe o que falta para encher sua vida, com o A faltante, a frase se torna TE AMO.



Ao aparecer um sonho neste momento, não poderíamos deixar de lembrar de Freud. Para ele, e para a Psicanálise, o sonho é uma das maneiras de o inconsciente nos aparecer (junto com os chistes, atos falhos e sintomas). Esta questão angustiante para Espósito só é tão angustiante porque parece pertencer à ordem do Real, não parece fazer sentido em si. A partir do momento que ele simboliza aquilo que tanto lhe aflige inconscientemente é possível lidar com a questão e seguir adiante.

Espósito se coloca então na posição desejante e declara seu amor por Irene, motivado a enfrentar os problemas que certamente encontrarão e que ele nunca via maneira de enfrentar: *“Irene - É complicado; Espósito: Não importa”*.

O “A” aqui parece nos apontar para o encontro de algo que faltava, ou seja, à completude, que mesmo sendo algo impossível de ser alcançado, parece concreta na situação de um casal apaixonado. A busca e a negação da realização do desejo. O significante “A” muda a relação com o significante, estabelece outro significado e ajuda a unir todo esse elo.

## 12. CONCLUSÕES

Partindo da premissa de Freud que toda psicologia individual é uma psicologia social, tentamos mostrar um aspecto imutável da condição humana pela lente de uma obra cinematográfica, ou mais especificamente, pela análise de três de seus personagens. Para chegar a tal objetivo, partindo de uma revisão bibliográfica de conceitos imprescindíveis para a compreensão do tema, chegando a um estudo de caso.

Parece que através destes três personagens conseguimos ir mais a fundo na hipótese que levantamos no início deste trabalho, de que cada um à sua maneira, dependendo de que se trata o seu desejo – apesar de ser impossível se saber ao certo – manipula o discurso vigente em favorecimento próprio, sem que isso contenha nenhuma carga negativa maniqueísta.

Espósito, com traços neuróticos, tem um ideal e com ele vive em embate aproximando-se e repelindo-se dele, e só consegue seguir a sua vida quando vê seu ideal se cumprir, mas de forma diferente da que imaginava. Isidoro, perverso, assassina brutalmente sua ex-amada e utiliza a estrutura perversa do governo ditatorial para ganhar força pessoal frente a seus inimigos. Morales, identificado pelo idealismo de justiça de Espósito e vendo que, a lei dos homens falhou ao castigar o assassino de sua esposa, agarra-se a um discurso justiceiro e cumpre a sentença não nomeada por ele, mas que foi a razão de sua vida, a “satisfação” do seu desejo.

O próprio nome da obra *El secreto de sus ojos* parece já nos apontar o caminho do desejo. Há um segredo em todos nós que até nós desconhecemos, que nos escapa (também pelos olhos) e que será nosso guia e motor. Esse segredo nos faz ser quem somos e únicos, apesar de todo racionalismo e lógica que tentamos imprimir em nossas vidas. Mais uma vez citando Sandoval (melhor amigo de Espósito na trama), podemos mudar tudo em nossas vidas, só não mudamos nossas paixões.

Acreditamos que agora conseguimos compreender melhor que a reivindicação da nossa época como não ideológica não consegue sustentar-se por muito tempo. Maria Rita Kehl nos ajuda a enfatizar esse ponto ao afirmar que “é ilusório pensar que a criação de sentido para a existência possa ser um ato individual. É uma tarefa coletiva, uma tarefa da cultura, da qual cada sujeito

participa com seu grão de invenção<sup>35</sup>”. Sim, parece haver alguma esfera particular, mas a herança simbólica pré-existe a todo sujeito e nos forma e nos dá base, queiramos aceitar isso ou não.

Neste ponto nos parece interessante comentar que Žižek (2009) já havia concluído isso em um de seus artigos<sup>36</sup> no qual também tem como objeto de estudo o cinema, e analisa diversos filmes contemporâneos de Hollywood para nos mostrar como funciona a legitimação ideológica nos dias de hoje. Os exemplos permeiam diversas temáticas e não escapam nem as mais “ingênuas” animações. Ou seja, a ideologia cultural não desapareceu, está aqui entre nós.

A pós-modernidade certamente mudou o jeito com o qual nos relacionamos com o grande Outro. A partir do momento em que o sujeito precisa de uma força guia e não a encontra mais nas instituições (família, Estado, igreja), pois como nos diz Bauman, elas ruíram, aparentemente os sujeitos ficam sozinhos com a autoridade angustiante de serem auto-suficientes, originais e “fazerem-se por si só”. Mas sob a visão da Psicanálise isso não é possível desta maneira. Ganhamos outros “grande Outros”, como a mídia ou a cientificismo, mas a herança simbólica existe e está nos fundamentos de todos nós enquanto sujeitos.

Assim, acreditamos ter conseguido explorar o tema de como os sujeitos se apoiam no discurso do grande Outro, que é a entidade reguladora das nossas leis, de maneira manipuladora e conveniente, que justifique seu “querer”, em busca de seu mais legítimo motor, a busca pela saciedade de seu desejo.

---

<sup>35</sup> KEHL, Maria Rita. Sobre ética e psicanálise. Companhia das Letras: 2002. P.36.

<sup>36</sup> ŽIŽEK, Slavoj. Hollywood hoje: notícias de um front ideológico In: *Lacrimae Rerum: ensaios sobre cinema moderno*; tradução: Isa Tavares e Ricardo Gozzi. – São Paulo: Boitempo, 2009.

## **BIBLIOGRAFIA**

### **• OBRAS CONSULTADAS**

ENRIQUEZ, Eugène. Da horda ao Estado: Psicanálise do vínculo social. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

FINK, Bruce. "O sujeito lacaniano". Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

KEHL, Maria Rita. Sobre ética e psicanálise. Companhia das Letras: 2002.

NETTO, Geraldino Alves Ferreira. Doze Lições sobre Freud e Lacan. Campinas: Pontes Editores, 2010.

SANTAELLA, Lucia. Semiótica Aplicada. São Paulo: Pioneira Thompson Learning, 2004.

SAFATLE, Vladimir. Lacan. 2ª edição. São Paulo: Publifolha 2009. – (Folha Explica)

SALEC, Renata. Sobre a Felicidade: ansiedade e consumo na era do hipercapitalismo. [tradução Marcelo Rezende]. São Paulo: Alameda, 2005.

SOUZA, Octavio. Fantasias de Brasil: as identificações na busca da identidade nacional. São Paulo: Escuta, 1994.

SIGMUND, Freud. O Mal-Estar na Civilização. In: Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud: Volume XXI: O Futuro de uma ilusão, O Mal-Estar na civilização e Outros trabalhos (1927 - 1931). Rio de Janeiro: IMAGO, 1996.

TELLES, Sérgio. O psicanalista vai ao cinema: artigos e ensaios sobre psicanálise e cinema. São Paulo – Casa do Psicólogo; São Carlos, SP: EdUFSCar, 2004.

ZIZEK, Slavoj. Como ler Lacan. Tradução Maria Luiza X. de A. Borges; Revisão técnica Marco Antonio Coutinho Jorge. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

ZIZEK, Slavoj. Lacrimae Rerum: ensaios sobre cinema moderno; tradução: Isa Tavares e Ricardo Gozzi. – São Paulo: Boitempo, 2009.

#### • **ARTIGOS CONSULTADOS**

CALLIGARIS, Contardo. Sociedade e indivíduo. In: Psicanálise e Sintoma Social. Editora Unisinos: São Leopoldo, 1993.

MONTOTO, Cláudio César. A pobreza das nossas vivências ou como matamos a experiência. Revista SPAE, vol. 50, 2010.

PACHECO FILHO, R. A. O conhecimento da sociedade e da cultura: a contribuição da psicanálise, Revista Psicologia e Sociedade; 9 (1/2), jan/dez. 1997

VIÑAR, Marcelo. O reconhecimento do próximo. Notas para pensar o ódio ao estrangeiro. In: KOLTAI, Caterina (Org). O Estrangeiro. São Paulo: Editora Escuta, 1998.

#### • **DICIONÁRIOS CONSULTADOS**

LAPLACHE e PONTALIS. Vocabulário da Psicanálise; tradução: Pedro Tamen. São Paulo: Martins Fontes, 2008

ROUDINESCO, Elisabeth e PLON, Michel. Dicionário de Psicanálise; tradução; Vera Ribeiro. Rio de Janeiro:Zahar.

#### • **SITES CONSULTADOS**

Site oficial do filme. Disponível em: <<http://www.elsecretodesusojos.com>>.

Acesso em 06 de Novembro de 2010.

FIAMENGHI, Aline. Discussão sobre o filme "O segredo dos seus olhos". 2010. <<http://umlugarpsicanalise.blogspot.com.br/2010/07/sarau-2906-discussao-sobre-o-filme-o.html>>. Acesso em Março de 2012.

FIGUEIREDO FILHO Celso Ramos. O segredo de seus olhos: um encontro entre Cinema, História e Psicanálise. Disponível em: <<http://www.historiaehistoria.com.br/materia.cfm?tb=artigos&id=179>>. Acesso em Março de 2012.

LEITE, Marco C. "O segredo de seus olhos". Sobre o filme. Disponível em: <<http://mclmarco.blogspot.com.br/2011/04/o-segredo-de-seus-olhos-sobre-o-filme.html>>. Acesso em Março de 2012.

- **OBRAS CINEMATOGRAFICAS CONSULTADAS**

HERRERO, G.; CAMPANELLA, J.J. El Secreto de sus ojos. [Filme-DVD]. Produção de Gerardo Herrero, direção de Juan José Campanella. Baseado em la novela "La pregunta de sus ojos" de Eduardo Sacheri".

- **REVISTA CONSULTADA**

"Respostas". In: Super Interessante. Editora Abril. Março de 2012. Edição 302.

"Respostas". In: Super Interessante. Editora Abril. Abril de 2012. Edição 303.

## ANEXO A

“Respostas”. In: Super Interessante. Editora Abril. Março de 2012. Edição 302.



## ANEXO B

“Respostas”. In: Super Interessante. Editora Abril. Abril de 2012. Edição 303.

